

RA'E GA 21 (2011), p. 51-77
Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR

www.ser.ufpr.br/raega
ISSN: 2177-2738



O DEBATE SOBRE A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL¹

THE DEBATE ABOUT PRODUCTIVE RESTRUCTURING IN BRAZIL

Maria Terezinha Serafim Gomes²

RESUMO

No Brasil, o processo de reestruturação produtiva vislumbra no final dos anos 1970, com a crise do modelo de desenvolvimento baseado na “substituição das importações” e se intensifica nos anos 1990, com a política neoliberal e a abertura econômica, acarretando transformações no processo produtivo, na gestão e organização do trabalho, bem como no espaço, produzindo “novos espaços industriais”. Neste texto, procuramos discutir a noção de reestruturação e fazer um panorama do debate da reestruturação produtiva no Brasil.

Palavras-Chaves: noção de reestruturação; reestruturação produtiva; Brasil; Geografia

¹ Texto é baseado nas discussões apresentadas na tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Universidade de São Paulo-USP, 2007.

² Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP. Professora adjunta do Departamento de Geografia - Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
emails: serafimgomes@hotmail.com tserafim@geografia.uftm.edu.br

ABSTRACT

The process productive restructuring in Brazil has initiated in the end of 1970's, with the crisis of the development pattern based in the substitution of importations" and is intensified in the 1990's with the politic of new liberalism and the commercial opening, causing changes in the production process, management and organization of work, as well as in space, producing "new industrial spaces". This text discusses the concept and debate of the productive restructuring in Brazil.

Key words: concept the restructuring; productive restructuring; Brazil; Geography.

INTRODUÇÃO

O debate sobre reestruturação produtiva no Brasil ganha dimensão em função das visíveis transformações que vêm ocorrendo em nosso país, com a incorporação de tecnologias organizacionais, gerenciais, ocasionando alterações na gestão e organização do trabalho, no mercado de trabalho, bem como nas relações entre empresas.

Esta temática vem sendo discutida por diversos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, a saber: economia, sociologia do trabalho, engenharia da produção desde o final dos anos 1970, quando se observam os primeiros indícios da reestruturação produtiva no setor automobilístico com a implementação das primeiras práticas de gestão, como os CCQs – Círculos de Controle de Qualidade - sob a influência do modelo japonês. Mas é nos anos 1990, quando ela se intensifica e passa a ser discutida também pelos geógrafos.

Neste artigo, procuramos tecer algumas considerações acerca da noção de reestruturação, bem como a discussão da temática da reestruturação produtiva no Brasil. Para isto, estruturamos o texto em três partes. Na primeira, abordaremos a noção da reestruturação a fim de construir nosso entendimento acerca desta noção, bem como trazer elementos para a compreensão do processo de reestruturação produtiva em curso no país. Na segunda, discutiremos a reestruturação produtiva no Brasil e, por último, apresentaremos os diferentes

abordagens e enfoques referentes à reestruturação produtiva nas diferentes áreas do conhecimento, inclusive, a ciência geográfica.³

A Geografia parece ter se debruçado em estudos sobre o processo de reestruturação produtiva e suas implicações na dinâmica espacial, no território, bem como o reflexo na organização, na gestão e na relação de trabalho.

A NOÇÃO DE REESTRUTURAÇÃO

Antes de discutirmos a reestruturação produtiva no Brasil, bem como seus diferentes enfoques, é necessário tecermos algumas considerações sobre a noção de “reestruturação”.

Gramaticalmente, se tomarmos o sentido da palavra reestruturação, enquanto substantivo, ela significa “reformular em novas bases estruturais”; reorganizar. Seria “ato ou efeito de reestruturar, ou seja, nova estruturação”⁴.

Lencioni (1998b,p.6) faz uma alerta ao tratar da noção de reestruturação. Para a autora, seria um engano pensar em reestruturação como outra estrutura que se sobrepõe à anterior. Dessa forma, seria considerar “[...] a estrutura como sendo estável e fixa, até o momento da ruptura; momento em que uma nova estrutura se sobrepõe a ela e a substitui”.

Ao contrário de pensar a reestruturação como algo estático, Lencioni (1998b,p.7 e 8) considera a reestruturação como movimento. Nas suas palavras: “[...] Cabe lembrar que as formas anteriores não se dissolvem nesse processo de reestruturação, elas se modificam e são modificadas pela teia de relações em movimento. Tornam-se, sim, subordinadas face ao desenvolvimento dessas novas formas que reestruturam tanto a sociedade como o espaço”.

Além disso, ela assevera que:

³ Os trabalhos e autores aqui apresentados foram sistematizados até o ano de 2007. Os trabalhos posteriores a esta data não foram mencionados neste texto.

⁴ Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa 1.0.

As estruturas, nem são fixas e nem estáveis. Elas têm um equilíbrio provisório e quando esse equilíbrio é abalado pode ocorrer uma desestruturação-reestruturação, que se gesta no seio da própria estrutura, pois esta tem uma dinâmica que não só a constitui, mas que, também, busca romper os equilíbrios provisórios. Portanto, estruturação-desestruturação-reestruturação se constituem num único movimento. (LENCIONI,1998b,p.7)

Nesta acepção, Lencioni compreende a reestruturação numa concepção de totalidade dialética e não como algo estável e fixo.

Gottdiener (1993) considera a reestruturação como “fenômeno socioespacial”. Ou seja, a reestruturação é resultado de mudanças sociais e espaciais.

Assim, para Gottdiener (1993,p.230), a reestruturação do capitalismo é, em essência, um fenômeno socioespacial, pois é fruto do processo social capitalista tardio e do processo espacial de desconcentração, na medida em que os fenômenos deixam de ser sociais e/ou espaciais e passam a ser socioespaciais, haja vista que são “ao mesmo tempo produtos e produtores”.

Ainda, nesta mesma linha de análise da reestruturação como movimento, Soja (1993) ressalta “A reestruturação, em seu sentido amplo, transmite a noção de uma “freada”, senão de uma ruptura nas tendências seculares [...]” “[...] Evoca, pois, uma combinação seqüencial de desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição [...]” (p.193) .

Soja (1993,p.194) afirma que:

A reestruturação não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados. Em sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária de e reativa a graves choques nas situações e práticas sociais preexistentes, desencadeadora de uma intensificação de lutas competitivas pelo controle de forças que configuram a vida material. Assim, ela implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança. Como

tal, a reestruturação se enquadra entre a reforma parcial e a transformação revolucionária, entre a situação de perfeita normalidade e algo completamente diferente.

Concordamos com Soja (1993), quando ele afirma que reestruturação, “[...] implica fluxos e transição”, “[...] mescla continuidade e mudanças”. Dessa forma, não podemos considerar a reestruturação como algo mecânico, estático; ela é dialética.

Considerando que as estruturas são momentos provisórios, como afirmou Lefebvre (1971) podemos dizer que a reestruturação é um movimento ao mesmo tempo de “continuidades” e “descontinuidades”.

Assim, a reestruturação não quer dizer que uma estrutura se sobrepõe à outra e a primeira deixa de existir. Ela possui resíduos, passando a coexistir elementos pertencentes a primeira e a segunda, formando um amálgama. No caso da reestruturação produtiva, pode-se dizer que, o “novo” e o “velho” se misturam, ou seja, do ponto de vista do processo de reestruturação, as empresas industriais apresentam características tradicionais (fordistas) e modernas (flexíveis).

Ainda, pode-se afirmar que a reestruturação só ocorre quando as estruturas socioespaciais necessárias à acumulação tornam gargalos para alavancar o crescimento e, conseqüentemente, a produção e a reprodução do capital. Ou seja, quando as estruturas vigentes já não atendem às necessidades do capital. É o que parece ter ocorrido quando desencadeou a crise estrutural do capital nos anos 1970.

É neste sentido que a reestruturação produtiva passa ser considerada uma resposta à crise estrutural do capital. Para Mandel (1982) “a reestruturação acontece como mecanismo de superação das crises do modo de produção capitalista”.

Hoje, a noção de reestruturação tem adquirido várias denominações: reestruturação urbana, reestruturação social, reestruturação espacial, reestruturação organizacional, reestruturação econômica, reestruturação industrial e reestruturação produtiva.

Nossa análise centra na discussão da reestruturação produtiva. Para sua análise é preciso levar em consideração as temporalidades e os resíduos que permanecem. Sendo assim, as categorias tempo e espaço têm de estar presentes na análise do processo de reestruturação produtiva.

Na nossa concepção, a reestruturação produtiva são transformações que vêm ocorrendo na indústria sejam de ordem técnica ou do ponto de vista do trabalho e também na lógica espacial. Assim, consideramos a reestruturação como algo dinâmico, um processo dialético, em que elementos do “novo” e do “velho” coexistem na mesma empresa, isto é, as características do fordismo e da produção flexível.

Nesse sentido, cada empresa tem temporalidade diferente. “Algumas conseguem mais inovações, processamento de informações mais rápida assegurando o gerenciamento flexível – o tempo não é apenas comprimido: é processado” (Castells, 2001). Enquanto que, em outras empresas, esse processo ocorre de forma mais lenta. Isto se deve às condições das quais se apropriam, da inovação, da informação e do capital investido.

Dessa forma, os tempos são diferentes entre empresas, instituições e homens e será diferente de lugar para lugar. Nessa direção, Santos (2001,p.267) afirma que

O tempo rápido não cobre a totalidade do território nem abrange a sociedade inteira. Em cada área, são múltiplos os graus e as modalidades de combinações. Mas, graças à globalização e a seus efeitos locais, os tempos lentos são referidos ao tempo rápido, mesmo quando este não exerce diretamente sobre os lugares ou grupos sociais.

Entendemos a reestruturação produtiva como sendo um processo de mudança espacial, social, tecnológica e organizacional. Partimos da proposição de que a reestruturação tem ritmos, movimentos e temporalidades.

Ao tratar de reestruturação produtiva requer cuidado, pois a simples implementação de um equipamento em uma empresa não quer dizer que ela passou por um processo de reestruturação. Este é mais complexo e, por isso, admite-se compreender as mudanças na base tecnológica, organizacional, social e espacial, considerando suas temporalidades e resíduos.

A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL

No Brasil, o processo de reestruturação produtiva se instaura após a crise do modelo de desenvolvimento baseado na “substituição das importações”, a partir dos anos 1970. Esse processo reflete a crise do padrão fordista no plano mundial e a gestação de um novo padrão de acumulação e regulação e se desenvolve diferencialmente em cada país ou região do mundo. Iniciou-se com a implementação de algumas práticas sob a inspiração do toyotismo⁵.

Neste contexto, o processo de reestruturação produtiva no Brasil ocorre *pari passu* aos novos padrões de competitividade internacional e as mudanças econômicas que ocorrem no país, a recessão, o desemprego, a crise do padrão industrial baseado no desenvolvimentismo e, outrossim, a política de abertura econômica, inspirada no neoliberalismo.

Assim, a crise e retração do mercado interno e as necessidades de incremento de superávit da balança comercial para o pagamento da dívida externa implicaram em pressão por exportações, “obrigando” as empresas a buscar novos padrões de qualidade, inovações tecnológicas e nova gestão da mão-de-obra, ou seja, “[...] novos requerimentos de qualificação para os trabalhadores, novas técnicas organizacionais, associados a uma estratégia de maior integração entre concepção e execução da produção e, ainda, estimulada por estratégias que permitam maior envolvimento dos trabalhadores e compromisso com os interesses

⁵ Sobre o toyotismo no Brasil, ver Oliveira (2004).

específicos dos clientes e, portanto, da empresa”, conforme Carleial (1997,p.297), visando à busca de qualidade e produtividade.

Leite (1993) e Druck (1999) ao tratarem da reestruturação produtiva no Brasil, identificaram três períodos de modernização tecnológica. O primeiro período refere-se ao final dos anos 1970 e o início dos 1980, quando as propostas inovadoras se concentravam na adoção dos CCQs⁶, sem que as empresas se preocupassem em alterar de modo significativo as formas de organização do trabalho ou em investir mais efetivamente em novos equipamentos microeletrônicos .

Os Círculos de Controle de Qualidade - CCQ⁷ foram as primeiras práticas japonesas implantadas no Brasil, na década de 1970.

Hirata (1983) salienta que, no Brasil, os CCQs apareceram isolados a partir de 1972⁸, mas foi apenas na década de 1980 que eles começaram a merecer uma atenção sistemática da parte do empresariado brasileiro. A implementação do CCQ, no Brasil acontece num momento muito similar àquele que marcou a emergência do CCQ, há vinte anos atrás, no Japão – uma conjuntura econômica, de introdução da robotização, sobretudo na indústria automobilística (Ford, Volkswagen) e de grandes greves de operários. (p.61)

Cabe ressaltar que, a implementação de métodos, técnicas organizacionais e novas formas de gestão do trabalho resultante da reestruturação produtiva, inicialmente tiveram muita resistência tanto do empresariado quanto dos trabalhadores, conforme demonstrou Leite (1994).

O segundo período inicia-se entre os anos de 1984 e 1985, a partir da retomada de crescimento econômico (que sucede a profunda recessão dos

⁶ Círculos de Controle de Qualidade - é a organização, geralmente nos locais de trabalho e, mas também em âmbito de empresa, de grupos de trabalhadores, por meio de iniciativa patronal, com a finalidade principal de discutir as formas para melhorar a produção e controle de qualidade dos produtos.

⁷ Hirata (1983) salienta que os Círculos de Controle de Qualidade surgiram e se desenvolveram no Japão enquanto movimento a partir de 1960, num contexto marcado por uma vaga de inovações tecnológicas, pela recessão econômica e por grandes conflitos sociais e greves gerais nos principais ramos industriais, lutas do movimento operário organizado contra a renovação do tratado de segurança Japão-EUA. (p. 61)

⁸ Oliveira (2004) salienta que na década de 1970, a unidade de Volkswagen em São Bernardo do Campo, assim como outras notáveis empresas de setores diversos, tais como: Johnson & Johnson, Embraer, General Electric, procuraram seguir a receita do ideário japonês, inicialmente com a implantação do CCQs.

primeiros anos da década) e vai até o final dos anos 1980, caracterizado por uma rápida difusão dos equipamentos e outras práticas japonesas, como *Just in time*⁹, Programa de Qualidade Total e de Controle Estatístico de Processo (CEP)¹⁰. Ampliam-se as inovações tecnológicas através da introdução da automação industrial de base microeletrônica.

Neste segundo período, o processo de reestruturação produtiva ocorre, sobretudo, no complexo automotivo, nas montadoras, nas autopeças, nos ramos petroquímico e siderúrgico, nas indústrias de bens de capital, principalmente, aquelas empresas exportadoras e subsidiárias de multinacionais.

Sendo assim, no final dos anos 1980, as empresas vão começar paulatinamente a introduzir algumas técnicas japonesas de produção, como os Círculos de Controle de Qualidade - CCQs, bem como novos equipamentos de base microeletrônica, como os - CLPs - controle lógico programáveis, robôs, máquina-ferramenta controle numérico - MFCN, os quais foram sendo acompanhados por inovações de produto e de processo, pela utilização do sistema CAD/CAM/CAE¹¹, *just in time*, *kanban*¹², celularização da produção, tecnologia de grupo, sistema de qualidade total - TQC (*total quality control*), com a utilização do controle estatístico de processo (CEP), conforme destacou Leite (1994, p.565).

⁹ JIT – Just in time: caracterizado pelo princípio do estoque mínimo, é um instrumento de controle da produção que busca atender a demanda da maneira mais rápida possível e minimiza os vários tipos de estoque da empresa (intermediários, finais e de matéria-prima). (LEITE,2003)

¹⁰ CEP-Controle estatístico de processo. Caracteriza pela integração de controle de qualidade à produção, através de conceitos básicos de estatísticas de inspeção das peças que passa a ser feita pelos próprios operadores de máquinas.

¹¹ CAD - Computer-Aided Design (Projeto Auxiliado por Computador) auxiliam a criação, modificação, análise ou otimização de um projeto. O software desses sistemas é baseado em interface gráfica orientada ao usuário.

CAM - Computer-Aided Manufacturing (Fabricação Auxiliada por Computador) pode ser definido como o uso de sistemas computacionais para planejar, gerenciar e controlar as operações de uma planta de fabricação através de uma interface direta ou indireta com os recursos de produção da planta.

CAE: As atividades de análise de engenharia são auxiliadas pelos sistemas CAE - Computer-Aided Engineering (Engenharia Auxiliada por Computador).

¹² Kanban: Funciona segundo um sistema de placas ou senhas de comando para reposição de peças e de estoque, estabelecendo um fluxo de informações que emite instruções especificando a quantidade exata de peças necessárias (Antunes, 2002, p.12).

O terceiro período inicia-se nos anos 1990, quando as empresas concentram seus esforços nas estratégias organizacionais, inovações tecnológicas que visavam aumentar a eficiência das empresas, bem como na adoção de novas formas de gestão de mão-de-obra, mais compatíveis com as necessidades de flexibilização do trabalho e com o envolvimento e colaboração dos trabalhadores, na busca da qualidade e a produtividade.

Assim, nos anos 1990 as empresas implementam além das inovações tecnológicas, elas procuram implantar as normas ISO (Internacional Standard Organization)¹³, redução do tamanho da planta, subcontratação, (terceirização e parcerias com fornecedores) e novas formas de organização do trabalho (redução dos cargos de níveis hierárquicos (*downsizing*), trabalho em “ilhas” no chão da fábrica, trabalhador mais polivalente, qualificado, participativo e criativo, maior treinamento dos empregados e CCQ (Círculo de Qualidade Total), alteração na jornada de trabalho, trabalho terceirizado, subcontratados, temporário, enfim novas formas de gestão do trabalho, racionalizadoras e poupadoras de mão-de-obra, a fim de atender às novas exigências de competitividade, buscando com premência estratégias industriais que permitissem o aumento da produtividade e a melhoria da qualidade de seus produtos para, assim, competir com os produtos importados e para garantir sua presença na nova configuração do mundo globalizado.¹⁴

Alves (2000) assevera que nos anos 1990, a reestruturação produtiva ganha impulso. As grandes empresas passaram a incorporar um conjunto de

¹³ISO – Organização Internacional para Normatização, com sede em Genebra Suíça, fundada em 1947. O certificado ISO tem como objetivo criar oportunidade de mercado. É um conjunto de regras para garantir a qualidade que são aceitas no mundo todo. Deste modo, o certificado ISO numa empresa representa o alcance de um padrão internacional em seus processos. As empresas que mais possuem esse certificado estão no Estado de São Paulo e na região Sul.

ISO 9000 (regula a qualidade de gestão), ISO 9001 (regula o desenho, a produção e a instalação), ISO 9002 (regula especificamente a produção e a instalação da empresa), ISO 9003 (regula a inspeção final do produto) e ISO 9004 (regula a qualidade da gestão e dos diferentes elementos do sistema produtivo). Pochmann, (2000, p.49-50).

ISO 1400 – um conjunto de normas cuja função principal é disciplina, em âmbito mundial, o esforço empreendido pelas empresas para a melhoria do trato ambiental. SEADE (1999, p. 58) Esse tipo de ISO é conhecido como "ISO Verde".

¹⁴ Mais detalhes, ver Alves (2000)

novas estratégias produtivas que atingiram, com uma maior integração, intensidade (e amplitude), o mundo do trabalho. A esse período, ele chamou de "toyotismo sistêmico", com o avanço quantitativo e saldo qualitativo, de usos de inovações tecnológicas e organizacionais, que atinge os principais pólos industriais do país. Esse novo patamar da ofensiva do capital na produção resultou em impactos expressivos sobre o mundo do trabalho no Brasil, atingindo sua objetividade e (subjetividade).

O processo de reestruturação produtiva intensifica nos anos 1990 por dois fatores: pela crise econômica no mercado interno e pela política de abertura adotada pelo governo Collor. Isto levou as empresas a buscarem inovações mais efetivas, estratégias de produtividade e qualidade para fazer frente à concorrência internacional. Nesse contexto, elas foram pressionadas a investir em modernização de sua produção ou ficaria "fora". Assim, muitas empresas adotaram o Programa do Governo, o PBQP (Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade), lançado pelo Governo em 1990, conforme (Ruas, 1994,p.2).

Com base nesse programa, a reestruturação produtiva era uma forma de atingir a modernização das indústrias, e conseqüentemente, levar o país se modernizar e se inserir no mercado globalizado.

A reestruturação produtiva, também, tem implicações espaciais, ocorrendo, assim, a desconcentração industrial, em que as empresas passam a buscar novos lugares, onde a mão-de-obra seja mais barata e não ocorram "deseconomias de aglomeração"¹⁵.

Assim, observa-se um processo de desconcentração industrial em direção ao interior do estado de São Paulo e a outros estados.

¹⁵ Pacheco e Negri (1994,p.62) elucidam que: "Em geral, sob a rubrica de "deseconomias de aglomeração", reúne um conjunto variado de causas que vão desde os maiores custos de transporte, de terrenos, salariais, e dos serviços públicos ou da infra-estrutura, até condicionantes que se refletem sobre a produtividade ou sobre a organização da produção, como congestionamentos, maiores tempos de transporte, aumento do poder sindical dos trabalhadores, redução da produtividade do trabalho associada à queda da qualidade de vida nas grandes cidades etc.

O processo de desconcentração industrial forma uma região metropolitana desconcentrada. Lencioni (1998a, p.31) assevera que

Os processos que geraram essa região metropolitana desconcentrada se fundamentaram na crescente centralização do capital. Em outros termos, se fundamentaram na atuação das empresas oligopolísticas e dos grupos econômicos que foram os principais promotores do deslocamento das atividades industriais para o Interior. Também foram os principais responsáveis pela divisão territorial entre produção industrial e gestão empresarial, fazendo com que o Interior tendesse a concentrar os estabelecimentos produtivos e a Capital, os escritórios de gestão empresarial. Como decorrência dessa expansão se intensificaram as redes sociais e espaciais com o sentido de integrar o capital e o espaço.

Além da cisão territorial, hoje, a guerra fiscal parece assumir grande relevância na reorientação da localização industrial. Os estados e municípios vêm utilizando-a como mecanismo de investimentos locais.

Observa-se, assim, um processo de desconcentração industrial caracterizada pela realocação industrial, em que muitas empresas dos ramos de calçados e têxteis deslocaram de São Paulo para os estados do Ceará e Bahia e do setor metal-mecânico migraram para o interior do estado e para os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiás, Paraná e Bahia. No setor automobilístico ocorreu um movimento de reespecialização geográfica da produção, com a Volkswagen, em Resende (Rio de Janeiro), Peugeot/Citroën, em Porto Real (Rio de Janeiro), Honda, em Sumaré (São Paulo), Toyota, em Indaiatuba (São Paulo), Iveco-Fiat, em Sete Lagoas (Minas Gerais), Mercedes-Benz, em Juiz de Fora (Minas Gerais), General Motors, em Gravataí (Rio Grande do Sul), Renault, em São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba, no Paraná), Nissan, em Curitiba (Paraná), Ford, em Camaçari (Bahia), Hyundai, em Aratu (Bahia), Mitsubishi, em Catalão (Goiás), entre outras.

Diante dessas transformações socioespaciais e técnicas derivadas da reestruturação produtiva o debate sobre a temática da reestruturação começa a ganhar dimensão também na academia. Hoje, várias áreas do conhecimento estão interessadas na discussão da repercussão da reestruturação produtiva. Desde os anos 1970 ela vem sendo discutida na economia e engenharia de produção e somente nos anos 1990 passa a ser abordada também da Geografia. A seguir destacaremos alguns trabalhos que se reportam a essa temática.

O DEBATE SOBRE A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: DIFERENTES ABORDAGENS

Neste item pretendemos fazer um breve panorama das diferentes abordagens e enfoques sobre a reestruturação produtiva no Brasil a partir de várias áreas do conhecimento, inclusive a Geografia.

Como já salientamos anteriormente, a temática da reestruturação produtiva no Brasil vem sendo discutida desde o final dos anos 1970 por diversos pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento: administração, economia, história, sociologia do trabalho e engenharia da produção. A partir desses anos é que se observam os primeiros indícios da reestruturação produtiva no setor automobilístico, com a implantação dos primeiros Círculos de Controle de Qualidade no âmbito da organização do trabalho.

Como vimos, nos anos 1990, a reestruturação se intensifica com a incorporação de tecnologias organizacionais e gerenciais, ocasionando alterações no emprego, na qualificação dos trabalhadores, na gestão e organização da força de trabalho, nas relações entre empresas, bem como sua repercussão no território com o processo de desconcentração industrial e a formação de 'novos espaços industriais'¹⁶, galvanizando a atenção dos geógrafos.

¹⁶ Termo utilizado por Scott (1988).

O quadro 1 sintetiza a contribuição de diferentes áreas do conhecimento para a temática da reestruturação produtiva.

Quadro 1
Diferentes enfoques da temática da reestruturação produtiva

Área do conhecimento	Autores	Análises
Engenharia de produção	Bresciani (1997) Bresciani (1991)	Da reestruturação industrial e ação sindical no complexo automotivo brasileiro. Discute tecnologia e organização do trabalho e ação sindical.
	Previtali (2002) Previtali (1996)	Do controle e resistência na organização do trabalho no setor automobilístico. Do processo de subcontratação nos níveis inferiores da cadeia de produtivo do setor automobilística.
	Donadone (1996)	Da reestruturação produtiva e mudanças organizacionais enfatizando a difusão dos sistemas participativos na década de 80.
	Salerno (1995)	Discute a qualidade, produtividade nas estratégias competitivas das empresas brasileiras.
	Fleury (1978)	Do processo de trabalho no Brasil enfatizando a implantação de práticas japonesas.
Sociologia	Sampaio (2006)	Discute a reestruturação produtiva e flexibilização do trabalho na trabalho na ALUNORTE S/A.
	Navarro (2004)	Da reestruturação produtiva na indústria de calçados de couros em Franca-SP.
	Sales (2002)	Do trabalho e reestruturação produtiva o caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo.
	Araújo (2001)	Da reestruturação produtiva e as transformações econômicas na Região metropolitana de São Paulo.
	Alves (2000) Alves (1993)	Do processo de reestruturação produtiva e a crise do sindicalismo e o novo e precário mundo do trabalho. Aborda a crise capitalista e reestruturação produtiva e seus impactos no mundo do trabalho.
	Antunes (2004) Antunes (1999)	Analisa o capitalismo e a reestruturação produtiva no Brasil. Da reestruturação produtiva no Brasil e na Inglaterra enfatizando sua repercussão no trabalho e sindicatos.
	Bonelli (1999)	Da reestruturação industrial brasileira nos anos 1990, a reação empresarial e o mercado de trabalho.

	Druck (1999b) Druck (1999a)	Da terceirização no complexo petroquímico de Camaçari-Bahia. Analisa a globalização e reestruturação produtiva.
	Segnini (1998)	Do trabalho da mulher no setor bancário, mostrando as transformações no mundo do trabalho.
	E. Leite (1996)	Da reestruturação produtiva, trabalho e qualificação no Brasil.
	Leite (1994)	Da reestruturação produtiva em duas montadoras do setor automobilístico, abordando as novas tecnologias e seus reflexos na subjetividade operária.
	Pires (1994)	Do mercado de trabalho e a reestruturação produtiva.
	Faria et al (1994)	Discute a reestruturação produtiva e mercado de trabalho.
	Silva (1991)	Faz uma comparação em duas fábricas de automóveis, uma inglês, outra brasileira, pertencentes à Ford Motor Company, buscando mostrar as escolhas específicas de tecnologia e organização do trabalho e suas implicações para a produtividade, flexibilidade e competitividade internacional.
	Castro (1984)	Discute o trabalho e organização industrial num contexto de crise e reestruturação produtiva.
Economia	Caiado (2002 e 2004)	Analisa a reestruturação produtiva e localização industrial, com ênfase a RMSP.
	Verri (2003)	Da reestruturação produtiva no Paraná nos anos 90 e o papel da globalização e do Mercosul nesse processo.
	Matteo e Tapia (2001)	Da reestruturação de indústria paulista e o ABC.
	Silva (2001)	Da reestruturação produtiva, crise econômica e os rumos do sindicalismo no Brasil.
	Zylbersteyn (1999)	Da reestruturação produtiva e a negociação coletiva no Brasil.
	Pochmann (1999)	Da reestruturação produtiva e as relações de trabalho
	Cacciamali (1997)	Aborda os efeitos da reestruturação no mercado de trabalho.
	Dedecca (1998)	Da reestruturação produtiva e tendência do emprego.
	Kon (1997)	Da reestruturação produtiva e a terceirização no Brasil.
	Carleial (1997)	Da reestruturação produtiva no setor eletroeletrônico da região metropolitana de Curitiba.

Continuação do quadro 1

	Ruas (1984)	Do processo de trabalho na indústria de calçados do Rio Grande do Sul .
Histórica econômica	Guercio (2000)	Da reestruturação produtiva e transformação tecnológica na América Latina, analisando os casos Argentino e Brasileiro, destacando as diferenças e semelhanças.
Geografia	Bragueto (2007)	Analisa a dinâmica industrial do aglomerado urbano-industrial de Londrina, considerando que no processo de reestruturação produtiva, as transformações vão se manifestar também nas cidades médias.
	Sposito (2006)	Discute as transformações socioeconômicas e territoriais e as novas dinâmicas territoriais no Estado de São Paulo.
	Matushima (2005)	Aborda o desenvolvimento do aglomerado industrial de Ibitinga a partir do processo de reestruturação produtiva que atinge a indústria na década de 1990.
	Elias (2004)	Da reestruturação produtiva da agropecuária e novas dinâmicas territoriais enfatizando as cidades do campo.
	Reis (2004)	Das relações de trabalho e as mudanças flexíveis resultantes da reestruturação produtiva no setor industrial em Rio Claro.
	Tunes (2004)	Da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no município de São Paulo a partir da década 70 até do fim do século, no contexto da reestruturação produtiva.
	Gomes (2004,2005, 2007)	Discute a reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista.
	Oliveira (2003)	Da reestruturação produtiva e a regionalização da economia no território fluminense.
	Botelho (2002) (2000)	Da produção do espaço de indústria no contexto da reestruturação produtiva, as redes de relação entre espaço e as estratégias de produção e reprodução do capital, destacando os efeitos da mobilidade do capital sobre a classe trabalhadora, tendo como exemplo a indústria automobilística instalada no Brasil. Analisa a produção do espaço da indústria, privilegiando a indústria automobilística brasileira, no contexto de passagem do chamado fordismo e a produção flexível.
	Mourão (2002)	Do processo de reestruturação produtiva na Região de Marília-SP e desenvolvimento regional.
	Oliveira (2002)	Das transformações na gestão do trabalho no setor sucroalcooleiro.

	Guimarães (2002)	Discute crise, reestruturação produtiva e trabalho nas regiões metropolitanas brasileira, buscando mostrar suas mudanças no mercado de trabalho.
	Pereira (2001,2002)	Da espacialidade e o trabalho industrial; uma geografia da Ford Motor Company na escala do Brasil e do mundo.
	Firkowski (2001)	Enfatiza a compreensão de Curitiba na perspectiva metropolitana enquanto uma nova possibilidade de localização industrial fruto das transformações no contexto da localização industrial ao nível do país e desvendar a dimensão sócio-espacial do processo de reestruturação que tem na desconcentração metropolitana sua expressão urbana mais contundente.
	Thomaz (1999, 2002)	Das mudanças no trabalho no setor sucroalcooleiro.
	Mendes (1997)	Analisa a reestruturação local como efeito da globalização no Pólo Têxtil de Americana.
	Pires (1995)	Dos processos que presidem a reestruturação industrial e o desenvolvimento territorial das indústrias de alta tecnologia no subsetor de informática em São Paulo.
	Sampaio e Pinheiro (1994)	Das relações de produção e de trabalho existentes na atividade industrial, especialmente no ramo de confecções.
	Lencioni (1991,1998, 2004, 2006)	analisa em suas pesquisas a reestruturação produtiva referente à indústria de transformação, relacionada à produção do espaço do Estado de São Paulo e nos últimos passa a abordar também as regiões metropolitanas, buscando compreender os impactos territoriais da reestruturação produtiva no país.
Educação	Oliveira (1997)	Da reestruturação produtiva e qualificação de mão-de-obra na indústria eletro-eletrônica na Zona Franca de Manaus.

Org. Maria Terezinha Serafim Gomes,2007.

A sociologia analisa os reflexos da reestruturação produtiva na subjetividade do trabalhador; a economia analisa a produção e gestão do trabalho e mercado de trabalho; a engenharia de produção analisa as mudanças nos padrões organizacionais e tecnológicos. Então, cabe a geografia fazer uma análise do processo de reestruturação produtiva e seus impactos na dinâmica espacial, buscando mostrar como esse processo se manifesta no espaço. Quais os novos

espaços produtivos que surgem? Quais os arranjos espaciais? Além do mais, como isso tem se refletido na sociedade, especificamente no mundo do trabalho, na classe trabalhadora.

Na Geografia o debate sobre a reestruturação produtiva tem sido resultado de teses, dissertações ou mesmo uma aproximação do tema em publicações de artigos em revistas e eventos científicos, sobretudo a partir dos anos 2000. Esses estudos partem de análises influenciadas pela Escola da Regulação Francesa; pela tese da centralidade do trabalho; pela teoria da especialização flexível; pela teoria dos distritos marshallianos; pela análise dos impactos territoriais da reestruturação produtiva e formação de economias regionais; e, pelos efeitos da reestruturação produtiva e suas alterações nas relações de trabalho do setor industrial, com ênfase na gestão e organização do trabalho.

Cabe à ciência geográfica fazer uma análise do processo de reestruturação produtiva e seus impactos na dinâmica espacial, buscando mostrar as manifestações territoriais deste processo e quais são os ‘novos espaços produtivos’ que surgem a partir da nova lógica de localização industrial; além de buscar responder como isso tem refletido na sociedade, especificamente no mundo do trabalho, na classe trabalhadora.

Esse é o grande desafio da Geografia de pesquisar as mudanças na dinâmica do espaço e na sociedade. Para isto, torna-se importante à interlocução com outras áreas do conhecimento, como a sociologia, economia e filosofia.

A discussão da temática da reestruturação na Geografia se dá, sobretudo, em regiões metropolitanas e grandes cidades, pois quando se trata de cidades médias, o debate ainda é incipiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, a reestruturação produtiva no Brasil ocorre num contexto de recessão, desemprego, instabilidade econômica e abertura comercial. Esse processo de reestruturação produtiva ocorre com a implementação de práticas e técnicas baseadas no modelo japonês, que inicialmente ocorreu no setor automobilístico e, mais tarde, no setor bancário, atinge a quase totalidade dos ramos produtivos e serviços, acarretando em alterações significativas na estrutura dos empregos.

Assim, esse processo de reestruturação produtiva no Brasil vislumbra a partir do final dos anos 1970, mas é nos anos 1990 que ganha dimensão como corolário da abertura econômica e da política neoliberal. Esse processo de reestruturação acarretou transformações no processo produtivo, organização e gestão do trabalho, bem como na dinâmica do espaço.

A reestruturação produtiva ocasionou consequências significativas para o mundo do trabalho, tanto na materialidade como na subjetividade da classe trabalhadora. Noutros termos, a implementação de práticas e técnicas baseadas no modelo japonês levou ao aprofundamento do desemprego, contribuindo para a redução do emprego industrial, a redução do trabalho com carteira assinada, o aumento do trabalho sem carteira assinada e do trabalho temporário e terceirizado.

Esse processo de reestruturação produtiva não pode ser encarado como fenômeno homogêneo, visto que ocorreu e ocorre em diferentes empresas, setores e regiões. Em cada lugar, cada setor, cada empresa esse processo assume suas especificidades.

Assim, reiterando a noção de reestruturação, ou seja, mais especificamente a reestruturação produtiva deve ser entendida como algo dinâmico, dialético, ou seja, como movimento de “continuidades” e “descontinuidades”. Daí a necessidade de na análise da reestruturação levar em consideração as temporalidades e o espaço.

Em suma, cabe o geógrafo, desvendar a dinâmica espacial, as manifestações dessas transformações no espaço através dos arranjos espaciais que o processo de reestruturação produtiva vem conduzindo. Além dessas manifestações territoriais, é possível compreender as práticas sociais, o reflexo da reestruturação produtiva no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovani. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2000.

_____. *Crise capitalista e reestruturação produtiva: seus impactos sobre o mundo do trabalho*. Campinas, 1993.

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: _____; SILVA, Maria A. Moraes. (org). *O avesso ao trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004,p.13-28.

_____. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Neoliberalismo, trabalho e sindicatos*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 1998.

ARAÚJO, Maria de Fátima Infante. Reestruturação produtiva e transformações econômicas Região Metropolitana de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*. v.15, n.4,p.20-30, 2001.

BONELLI, Regis. A reestruturação industrial nos anos 1990: reação empresarial e mercado de trabalho. In: POSTHUMA, Anne C. (org). *Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil*. Brasília:OIT/Ministério do Trabalho e Emprego, 1999, p. 87 – 115.

BOTELHO, Adriano. Reestruturação produtiva e produção do espaço: o caso da indústria automobilística instalada no Brasil. *Revista do Departamento de Geografia*. n. 15, p.55-64, 2002.

_____. *Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço num contexto de mudança das estratégias de acumulação do capital*. 2000. 148f. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)/Universidade de São Paulo, São Paulo:2000.

BRAGUETO, Cláudio Roberto. *O aglomerado urbano-industrial de Londrina: sua constituição e dinâmica industrial*. 2007. 265 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

BRESCIANI, Luís Paulo. Os desejos e o limite: reestruturação industrial e ação sindical no complexo automotivo brasileiro. In: LEITE, Marcia de Paula (org.). *O trabalho em movimento*. Reestruturação produtiva e sindicatos no Brasil. Campinas, Papirus, 1997, p. 31-112.

_____. Reestruturação industrial e negociação coletiva: o sindicalismo brasileiro vai à luta?. In: MARTINS, Heloísa Souza; RAMALHO, José Ricardo. (org.). *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 194-205.

_____. *Tecnologia, organização do trabalho e ação sindical: da resistência a contratação*. 1991. 279f. (Mestrado em Engenharia de Produção). Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CACCIAMALI, Maria Cristina; BEZERRA, Lindemberg de Lima. Produtividade e emprego industrial no Brasil. In: CARLEIAL, Liana; VALLE, Rogério (orgs). *Reestruturação Produtiva e o Mercado de Trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997, p.15-34.

CAIADO, Aurilio Sérgio Costa. Reestruturação Produtiva e Localização Industrial: a dinâmica industrial na RMSP entre 1985 e 2000. In: Disponível em: www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A114.pdf.

CARLEIAL, Liana; VALLE, Rogério (Orgs). *Reestruturação Produtiva e o Mercado de Trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997.

_____. Reestruturação industrial, relação entre firmas e mercado de trabalho: as evidências na indústria eletroeletrônica na Região Metropolitana de Curitiba. In: CARLEIAL, L. ; VALLE, R (orgs). *Reestruturação Produtiva e o Mercado de Trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997, p.296-333.

CARVALHO, Ruy de Quadros; BERNARDES, Roberto Reestruturação industrial, produtividade e desemprego. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. Fundação SEADE, v.11, n.1, p. 53-62, 1997.

_____. *Tecnologia e trabalho industrial: as implicações sociais da automação microeletrônica na indústria automobilística*. São Paulo: L & PM, 1987.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Nádia Araújo. Modernização e trabalho no complexo automotivo brasileiro: reestruturação industrial ou japonização de ocasião? *Novos Estudos CEBRAP*. n.37, p.17-49, 1993.

_____. Trabalho e organização industrial num contexto de crise e reestruturação produtiva. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, n. 1, p. 116-132, 1984.

COUTINHO, Luciano. A Terceira Revolução Industrial e Tecnológica: As grandes tendências de mudança. *Economia e Sociedade*. Campinas: UNICAMP/IE, n.1, p.69-87, 1992.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. Reestruturação produtiva e tendências de emprego. In: OLIVEIRA, Marco Antônio (Org.). *Economia & Trabalho: textos básicos*. Campinas: CESIT/IE; UNICAMP, 1998.

DINIZ, Clélio Campolina. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e Suas Perspectivas. *Texto para Discussão*. Brasília: IPEA, n. 375, p.1-46, 1993.

DONADONE, Júlio César. *Reestruturação produtiva e mudanças organizacionais: a difusão dos sistemas participativos na década de 1980*. 1996. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Departamento de Engenharia de Produção, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996.

DRUCK, Maria das Graças. Globalização e reestruturação produtiva: o fordismo e/ou japonismo. *Revista de Economia Política*, v.19, n.2, p.31-48, 1999.

ELIAS, Denise Souza. *Reestruturação produtiva da agropecuária e novas dinâmicas territoriais: a cidade do campo*. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA: POR UMA GEOGRAFIA LATINO-AMERICANA: DO LABIRINTO DA SOLIDÃO AO ESPAÇO DA SOLIDARIEDADE, XII, 2005, São Paulo: Departamento de Geografia / FFLCH / USP, 2005, p. 4475-4487.

FARIA, Vilmar E. et al. Reestruturação produtiva e mercado de trabalho. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo: CEBRAQ, n.1, p.29-59, 1994.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. *A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba*. 2001, 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

FLEURY, Afonso. Qualidade e produtividade na estratégia competitiva das empresas industriais brasileiras. In: CASTRO, Nadya Araújo (org.) *A máquina e o equilibrista: inovação na indústria automobilística brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 85-111.

_____. *Organização do trabalho industrial: um confronto entre teoria e realidade*. 1978. 244 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Departamento de Engenharia de Produção, Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

GIANOTTI, José Arthur et al. Reestruturação Industrial e modernização tecnológica, impactos sobre o mundo do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: CEBRAQ, n.1, p.61-66, 1994.

GITAHY, Leda; BRESCIANI, Luís Paulo. *Reestruturação produtiva e trabalho na indústria automobilística brasileira*. Campinas:DPCT/IG/Unicamp - DIEESE/SP, 1997.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. *O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto*. 2007. 330 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

_____. Reestruturação produtiva e seus impactos no mercado de trabalho urbano (reflexões preliminares). In: *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona. V. IX, 194 (76), 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-76.htm>>. Acesso em maio de 2006.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1993.

GUÉRCIO, Maria Rita. Reestruturação produtiva e transformações tecnológicas na América Latina: os casos Argentino e Brasileiro. 2000. 124f. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina. Prolam/Universidade de São Paulo, 2000.

GUIMARÃES, Marlene Maria Moreira. Crise, reestruturação produtiva e trabalho nas regiões metropolitanas brasileiras. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119 (62), 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-62.htm> . Acesso em: maio de 2006.

HIRATA, Helena. Receitas japonesas, realidades brasileiras. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo:CEBRAP, v.2,n.2,p.52-60,1983.

KON, Anita. Reestruturação produtiva e terceirização no Brasil. *Revista de Nova Economia*. Belo Horizonte:CEDEPLAR/UFMG. v.7, n. 1, p.149-181,1997.

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. São Paulo: Ed. Objetiva. 2001 (CD –ROM).

LEITE, Elenice Monteiro. *Reestruturação produtiva no Brasil: mudanças no mercado de trabalho e impactos sobre a qualificação profissional*. Brasília: Convênio MTb/SEFORFLACSO,1998.

_____. Reestruturação industrial, cadeias produtivas e qualificação. In: CARLEIAL, Liana; VALLE, Rogério. *Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec-ABET, p. 140-166, 1997.

_____. Reestruturação Produtiva, Trabalho e Qualificação no Brasil. In: BRUNO, Lúcia (org). *Educação e Trabalho no Capitalismo Contemporâneo*. São Paulo, Ed. Atlas, 1996, p.146-187.

LEITE, Marcia de Paula. Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. In: _____. *O mundo do trabalho - crise e mudança no final do século*. Campinas: Scritta, 1994, p.563-587.

_____. *O futuro do trabalho - Novas Tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo: Scritta/FAPESP, 1994.

_____. A vivência operária da automação microeletrônica. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, USP, 1990.

LENCIONI, Sandra. A Reestruturação Urbano-Industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. *Espaço e Debates*, n.38, p.54-61, 1994.

_____. Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e Transformações industriais. *Revista do Departamento de Geografia*, n.12, p.27-42, p. 1998a.

_____. Reestruturação: uma noção fundamental para os estudos transformações e dinâmicas metropolitanas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. VI, Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 1998b, p.1-10.

_____. Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: Gonçalves, M. L.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. F. (org.) *Regiões e cidade, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Ed. Unesp / ANPUR, 2003, p. 465-476.

MATTEO, Miguel; TAPIA, Jorge. A reestruturação da indústria paulista e o ABC. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: CEBRAP, n. 8, p. 8-24, 2003.

MATTOSO, Jorge Eduardo L. Crise, transformações produtivo-tecnológicas e trabalho. *Cadernos de CEAS*. Salvador, n.144, p.35-47, 1993.

MATUSHIMA, Marcos Kazuo. *Especialização produtiva e aglomeração industrial: uma análise da indústria de confecções de Ibitinga-SP*. 2005.183f Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

MENDES, Auro A. *Reestruturações locais como efeitos da Globalização Econômica: Uma análise da estrutura produtiva mutante do Pólo Têxtil de Americana, SP*. 1997.194 f. Tese (Doutorado em Geografia). IGCE-UNESP, Rio Claro, 1997.

MOREIRA, Ruy. Inovações Tecnológicas e Novas Formas de Gestão do Trabalho. *Trabalho e Tecnologia*. São Paulo: UNITRABALHO, 1998.

MOURÃO, Paulo Fernando C. *Reestruturação produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a Região de Marília*. 2002. 182 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NAVARRO, Vera Lucia A reestruturação produtiva na indústria de calçados de couro em Franca (SP). In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Soares. *O Averso ao trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 78-152.

NEGRI, Barjas;PACHECO, Carlos Américo. Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista. *Espaço e Debates*. São Paulo: NERU,n.38,p.62-83,1994.

OLIVEIRA, Ana Maria S. *A relação capital/trabalho na agroindústria sucro-alcooleira paulista e a intensificação do corte da cana mecanizado: gestão de trabalho e certificação ambiental*. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

_____. As Inovações Tecnológicas e as Novas Formas de Gestão e Controle do Capital sobre o Trabalho. *Revista Pegada*,v.3,n.1.,p.1-17,2002

Oliveira, Elenice. *Toyotismo no Brasil: desencantamento da fábrica envolvimento e resistência*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

OLIVEIRA, Denise L. C. M. *Mercado de trabalho industrial e questão do "gênero": uma análise do trabalho feminino em indústrias de Rio Claro, SP*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) .IGCE-UNESP, Rio Claro, 2000.

OLIVEIRA, Floriano J. G. *Reestruturação Produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. 2003. 219 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Selma Sueli. *Reestruturação Produtiva e qualificação de mão-de-obra na indústria eletro-eletrônica na Zona Franca de Manaus*. 1997. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/USP. São Paulo, 1997.

PEREIRA, D. A nova espacialidade do trabalho: o fordismo e a produção enxuta na Ford. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. VI, N. 119 (90), 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-90.htm>

PIRES, Elso L. S. Mercado de trabalho e reestruturação produtiva na indústria: o Brasil no limiar do século XXI. *Travessia*. São Paulo: CEM, n.18, ano VII, p.10-14,1994.

PIRES, Hindemburgo F. *Reestruturação Industrial e alta-tecnologia no Brasil: as indústrias de informática em São Paulo*.1995.Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

POCHMANN, Marcio. *O emprego na Globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. *O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Hucitec,1999.

PREVITALLI, Fabiane Santana. *Reestruturação Industrial: um estudo de caso sobre o processo de subcontratação nos níveis inferiores da cadeia produtiva do*

setor automobilístico. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1996.

REIS, Cibeli. *Relação de trabalho na atividade industrial de Rio Claro –SP – Uma contribuição ao estudo global de reestruturação da indústria*. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2004.

RUAS, Roberto; ANTUNES, Elaine. Gestão do trabalho, qualidade total e comprometimento no cenário da reestruturação. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE. v.11,n.1, p. 42-53, jan./mar.1997.

_____. Reestruturação sócio-econômica, adaptação das empresas e gestão do trabalho. In: GITAHY, Leda (org.). *Reestructuracion productiva, trabajo y educacion en America Latina*. Campinas: Unicamp; Buenos Aires: RED IID-CENEP, 1994, p. 95-107.

SAMPAIO, Isabela Castelo Branco. *Reestruturação produtiva e flexibilização do trabalho: um estudo sobre os processos de subcontratações e relações de trabalho na ALUNORTE S/A*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PPGCS/CFCH/UFPA, Belém, 2006.

SALERMO, Mario S. Trabalho e organização nas empresas industrial integrada e flexível. In: FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M.L.; MADEIRA, Felícia R.; FRANCO, Maria L.P.B.. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 54-76.

_____. Reestruturação Industrial e Novos Padrões de Produção. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, n.6,p.100-108,p.1992.

_____. *Flexibilidade, organização e trabalho operatório: elementos para análise da produção na indústria*. 1991. 232 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Escola Politécnica - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

_____. Produção, trabalho e participação: CCQ e Kanban, uma nova imigração japonesa. Rio de Janeiro, 1985, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). COPPE/UFRJ, 1985.

SALES, Telma Bessa. *Trabalho e reestruturação produtiva: o caso da Volkswagen em São Bernardo do Campo/SP*. 01. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

SCHMITZ, Hubert; CARVALHO, Ruy de Quadros. (org.) *Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Automação microeletrônica e trabalho: a experiência internacional. In: SCHMITZ, Hupert; CARVALHO, RUY Quadros (orgs). *Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional*. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 131-74.

SEGNINI, Liliana. R. P. Trabalho e Gênero: Mudanças, Permanências e Desafios. 1.o. ed. São Paulo: EDITORA 34/ NEPO UNICAMP/ CEDEPLAR UFMG, 2000. v. 01. 23 p.

SILVA, Elizabeth Bortolaia Silva. *Refazendo a fábrica fordista. Contrastes da indústria automobilística no Brasil e na Grã-Bretanha*. São Paulo, Editora Hucitec/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1991.

SOJA, Edward W. *Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PINHEIRO, Silvana Sampaio. *Relações de produção e de trabalho: uma análise geográfica da indústria de vestuário, calçados e artefatos de tecidos em Rio Claro, SP, e suas vinculações espaciais*. 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia). IGCE-UNESP, Rio Claro, 1993.

SELINGARDI-SAMPAIO, Silvia; PINHEIRO, Silvana S. Relações de Produção e de trabalho: uma análise geográfica da indústria de confecções em Rio Claro (II). *Revista de Geografia*. Rio Claro: UNESP, v.19,n.2,p.37-77,1994.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. *Refazendo a fábrica fordista*. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, Sidartha Sória. *Reestruturação produtiva, crise econômica e os rumos do sindicalismo no Brasil*. Brasília: Fundação Milton Campos: Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 2001.

TEIXEIRA, Francisco J. S.; OLIVEIRA, Manfredo A. (org.) *Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1998.

THOMAZ JR. Antonio. Por uma Geografia do Trabalho. *Revista Pegada*. Presidente Prudente: CEGET, v.3, número Especial. 2002.

_____. *Por trás dos canaviais, os (nós) da cana*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

TUNES, Regina H. *Da desconcentração à reconcentração industrial: a análise da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no município de São Paulo no final do século XX*. 2004 177f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas- FFLCH/USP, 2004.

VERRI, Enio. *Reestruturação produtiva no Paraná nos anos 90: o papel da globalização e do Mercosul*. 2003. 150f. Tese (Doutorado em Integração da América Latina). Universidade de São Paulo, 2003.

ZYLBERSTAYN, Hélio. Reestruturação produtiva e negociação coletiva no Brasil: tendências recentes. *Informações Fipe São Paulo*, n. 224, p. 25-26, maio 1999.